

Villa Rica delEspiritu Santo: Estudo Histórico de uma cidade na América Espanhola (1570-1632)

Suelen Andrade Cardoso (UEM)
Lúcio Tadeu Mota (UEM)

O objetivo desta pesquisa é desenvolver um estudo histórico sobre o processo de ocupação e defesa das fronteiras na América Espanhola entre os fins do século XVI e início do século XVII, mais especificamente o papel da criação de *Villa Rica delEspiritu Santo*. As ruínas dessa vila estão localizadas no atual município de Fênix/PR. O tema é de fundamental importância histórica e se torna relevante por vários motivos. Em primeiro lugar, pelo fato da ideia de fronteira ser tema de recorrente polêmica tanto no cenário político, quanto econômico. As constantes notícias de ações do Estado com relação a proteção das fronteiras é comum, entretanto poucos ainda conhecem as origens dessa disputa e da importância representativa em nossa história. Em segundo lugar, pouco ainda foi investigado sobre Vila Rica. A produção historiográfica está centrada nas discussões sobre o papel dos jesuítas na província do Guairá, assim como nas edificações e na estrutura administrativa/organizacional das reduções jesuíticas. Embora, tenhamos na historiografia alguns poucos estudos sobre o processo de colonização, mais especificamente sobre a formação das vilas espanholas e sua importância na disputa pelo espaço fronteiro.

A perspectiva desta pesquisa passa por uma análise de documentos que esboçam elementos do cenário da região na qual a Província Del Guairá estava inserida, cujo cortejo com a bibliografia já produzida permite destacar elementos que podem esclarecer pontos importantes sobre os embates entre a colonização espanhola e portuguesa nesta região. Além disso, possibilitará compreender de forma mais clara o motivo para a fundação de cidades em pontos estratégicos, visando a defesa do território, além do papel dos inicianos da Companhia de Jesus diante do desbravamento e dos litígios de que a região foi palco naquele tempo. Portanto, propomos nesse primeiro momento apresentar o processo de disputa pelas fronteiras entre a Espanha e Portugal.

Certamente que a pesquisa apresentada aponta elementos iniciais que dependem ainda do desenvolvimento das etapas subsequentes para demonstrar resultados mais sólidos, tendo em vista a pesquisa se encontrar no estágio de manuseio e análise das fontes de pesquisa.

Ao avaliarmos a colonização da América Espanhola, dois dos grandes objetivos parecem extremamente pertinentes a esse processo: inicialmente a expansão e exploração territorial da América e subsequentemente a evangelização dos índios. Com isso fica evidente as fortes relações estabelecidas entre o Estado e a Igreja. Entretanto, algumas ambiguidades foram flagrantes nesse processo. A conjuntura europeia e colonial provocou conflitos que visaram afirmar a autoridade do europeu/colonizador sobre o guarani/colonizado, mas por outro lado a presença dos padres jesuítas demonstrava certa resistência a esse processo, pois defendiam os índios contra os europeus, demonstrando uma crise de identidade e valores que se apresentavam rotineiramente (Cf. BOGONI, 2008, p.85).

Os territórios em disputa pelas coroas portuguesa e espanhola estavam divididos pela linha imaginária determinada pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, estando bastante evidente que a quase totalidade do atual território do Paraná, pertencia aos domínios espanhóis, ficando para os portugueses, uma pequena faixa de terra do litoral. Conforme Jurandir Aguilar, “Mesmo as futuras conversações de Badajoz (1521) e de Saragoça (1529) não definiram satisfatoriamente [os reais limites].[...] Na realidade esta indeterminação geográfica favorecia o interesse expansionista tanto a espanhóis como a portugueses” (2002, p. 11).

Foi a partir desse período que as questões sobre os limites territoriais ressurgiram, e tornaram-se mais acirradas com a descoberta da região platina:

O machado de metal levado em 1514, as expedições de Solís, Cristóvão Jaques, Cabot e Garcia deram importância as terras platinas e levantaram as questões de limites no continente americano. Surgiram e arrastaram-se os debates a propósito da expedição de Martin Afonso de Souza (1530 - 1533), sempre sobre a dupla face de prioridade de Portugal e legitimidade de domínio, alegada por Castela (ABREU, 2000, p. 206).

De acordo com Costa e Menezes, a colonização europeia do Guairá, não se apresentou como um processo linear de desenvolvimento. Ela se iniciou em meados do século XVI, com a fundação de núcleos de povoados espanhóis na região. Seu apogeu ocorreu durante a virada dos séculos XVI e XVII, com a instalação e estruturação das reduções jesuíticas na região. E amargou sua falência até as quatro primeiras décadas do século XVII. O grande interesse das duas Coroas por essa região está relacionado às possibilidades da exploração de metais preciosos. Essa exploração, se concretizada, atenderia às expectativas de qualquer uma das nações em questão. Alimentados pelos relatos dos europeus, que participaram das primeiras expedições à região, os homens, com o consentimento do Estado, entregavam-se à aventura de chegar a Serra da Prata (COSTA E MENEZES, 2002, p. 224).

Os primeiros contatos dos europeus com o atual território do Paraná ocorreu a partir do século XVI, por meio dos exploradores-navegantes, tanto espanhóis como portugueses. O objetivo principal destes era chegar ao Império Inca, e para isso era necessário atravessar todo o território paranaense. Antes da sua constituição como província do Império brasileiro, representava um campo de tensão entre dois colonialismos e, posteriormente, entre estados nacionais emergentes com seus territórios em construção. Tanto as fronteiras externas como as internas da construção do território do Paraná não se limitaram ao marco geográfico, mas mobilizaram, entre ameaças, conflitos e tensões, sujeitos sociais e agentes políticos e econômicos em busca de novas oportunidades, não apenas para fortalecer as relações de poder, como também para a construção de territórios que facultassem espaços de vivência para a recriação de identidades (SCHALLENBERGER, 2006, p. 02).

Durante o século XVI, foram mínimos os interesses na exploração do território por parte dos portugueses, o que acabou dando espaço para diversas expedições de outros países. Muitas delas vinham em busca de madeira de lei. Mesmo os espanhóis, a quem cabia o território do atual Norte do Paraná, pelo Tratado de Tordesilhas, só chegaram à região na segunda metade do século XVI e intensificaram a colonização no século XVII, com as missões jesuíticas, que visavam também preparar soldados/índios para resistir aos invasores de outros países.

Muito antes, a partir da metade do século XVI, os espanhóis começaram a marcar presença nesse território, quando o Governador do Paraguai, Domingo Martinez de Irala, decidiu fundar vilas na região de Guairá.

O objetivo era subordinar os indígenas ali encontrados, pertencentes, sobretudo, à grande família tupi-guarani. Calculava-se seu número em 200 mil, aproximadamente; deter as contínuas penetrações portuguesas, predadoras de índios, para o oeste da linha de Tordesilhas e conseguir no futuro um porto marítimo para Assunção, no Atlântico, aparecendo a baía de Paranaguá como o local mais indicado para tanto (WACHOWICZ, 2001, p. 29).

Segundo Bogoni (2008, p. 87), a Província de Guairá era a área sobre a qual os núcleos de expansão do colonialismo – Assunção e São Paulo – encontraram maior projeção, centralizando os conflitos socioeconômicos e as fricções interétnicas. Na sua missão, os padres jesuítas buscaram a organização de um espaço de liberdade para os índios e a defesa de fronteiras para a ação missionária que se propunha à construção da sociedade colonial dentro dos princípios ético-cristãos e, até certo ponto, dos ideais políticos do sistema colonial.

No ano de 1580, a Coroa de Portugal foi anexada à da Espanha, até 1640, com a ressalva do Rei Felipe II em respeitar a autonomia administrativa daquela. Conseqüentemente, os portugueses de São Paulo, conhecidos como “bandeirantes” por realizarem suas incursões encabeçadas pelas bandeiras representativas da sua pátria e de seus líderes, agilizaram a exploração do território, passando além da linha imaginária de Tordesilhas, invadindo assim o domínio dos espanhóis. A Província de Guairá, parte significativa do atual Estado do Paraná, e que pertencia à governação do Paraguai, tornou-se o espaço territorial do conflito. Era o limite da fronteira entre as coroas lusa e castelhana, “confluência de trânsito e de demanda na defesa da posse e de legitimação dos direitos” (AGUILAR, 2002, p. 11).

Como medida para conter o avanço dos portugueses em 1608, o rei da Espanha criou a Província del Guairá, que abrangia os territórios indígenas a leste do rio Paraná. Também foi criada a *República Teocrática del Guairá*, fundada por espanhóis no século XVI, com jurisdição sobre as tribos nesse

local. Nessa república estavam estabelecidas as povoações anteriormente citadas, que chegaram a ter 100000 índios (MOTA, 2005, p. 33).

As primeiras expedições espanholas que chegarem à região do Prata, tiveram uma dupla preocupação. A primeira de reconhecimento da área e a segunda de estabelecimento de núcleos de povoamentos na região. Segundo Elliot,

[...] uma expedição que vinha da Europa, sob o comando de Pedro de Mendoza, tentou sem sucesso ocupar a região do rio da Prata em 1535 - 1536 e terminou por deixar um remoto posto avançado de colonização no Paraguai, Buenos Aires, fundada pela primeira vez em 1536 e destruída em 1541, foi fundada novamente em 1580 desta vez não a partir da Europa, mas de Assunção (ELLIOT, 1997, p.159).

Assim, a política de colonização que nomeava os adelantados, adotada pela Espanha, parece ter auxiliado na ocupação da região platina. Essa forma de colonização implicava que os “descobridores de novas terras” receberiam o comando militar e político das mesmas pelo rei da Espanha. Com esse tipo de compensação em vista, uma nova expedição em direção ao Prata foi organizada no ano de 1540, chefiada por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (COSTA E MENEZES, 2002, p. 4).

No entanto, as relações entre colonizadores e índios modificam-se de maneira expressiva com a descoberta de riquezas na região que passou a ser chamada de “Nova Espanha”. Schallenberger descreve que:

Uma vez localizada a riqueza na Nova Espanha, o Prata deixou de exercer a atração dos aventureiros e os investimentos dos empresários; por isso, os movimentos de conquista e colonização se tornaram mais acanhados. Com isto, o núcleo colonial de Assunção defrontou-se com os seus próprios limites e a única possibilidade que se apresentava para os colonos era a exploração da mão de obra indígena, como garantia de sobrevivência e de manutenção de privilégios sociais nesta nova configuração social (SCHALLENBERGER, 1997, p.85).

Desde a conquista do Paraguai, a região do Guairá, que já era cortada por inúmeros caminhos pré-colombianos, virou uma importante região de passagem entre o litoral brasileiro e a cidade de Assunção.

A partir de Assunção, foi fundada inicialmente *Ciudad Real del Guairá* (1557), situada na barra do rio Piquiri no rio Paraná. A segunda vila, denominada *Villa Rica delEspiritu Santo* mudou-se três vezes de lugar. Sua primeira fundação deu-se em 1576 em algum lugar do vale do Rio Piquiri, próximo de *Ciudad Real*. A segunda provavelmente ocorreu no lugar depois denominado Tambo das Minas de Ferro, no Coraciberá. A terceira fundação ocorre em 1589, no rio Ivaí, próximo ao Corumbataí, onde estão as atuais ruínas (Cf. Parellada, 1997; Azara 1847).

Neste contexto, *Villa Rica Del Espiritu Santo* nasce para ser um ponto de apoio para riquezas minerais, como bem aponta seu nome. No entanto, os habitantes de *Villa Rica*, assim como os de *Ciudad Real*, sempre foram muito pobres. A grande esperança inicial dos habitantes do Guairá, sobretudo os de *Villa Rica*, eram os minérios. A busca foi intensa. Segundo o testemunho do padre Charlevoix, “Muito [Rui Diaz] Melgarejo, assim como seu genro Manoel de Frias, fizeram grandes serviços de exploração, com poucos resultados” (Charlevoix, 1757). Para Charlevoix, a nova *Villa Rica*, relocada para perto de Assunção a partir da destruição do Guairá no século XVII, “ganhou muito por não contar com minas imaginárias, levando seus cidadãos a suprir suas necessidades de formas mais convenientes e seguras” (Charlevoixop.cit).

Criadas pelos jesuítas com objetivo de exercer o controle, defesa e catequização dos índios, para garantir a posse dos territórios conquistados e defender as fronteiras já estabelecidas, além de controlar a cobrança de impostos, as Reduções acabaram tornando os índios vulneráveis aos escravagistas e exploradores. A facilidade de se relacionar com eles atraiu a cobiça e a ganância dos aventureiros que vinham às Reduções. Se de um lado representaram a criação de uma vida comunitária baseada na solidariedade, com evidente melhoria da qualidade de vida da população guarani em relação à crise étnica e à insegurança que viviam.

Os jesuítas espanhóis, ao contrário dos portugueses, preferiram a conquista espiritual do que a conquista militar, visto que esta não havia tido tanto sucesso.

Franzen escreve que:

“o modelo das reduções já existia na América Espanhola. Felipe II ordenara que “reduzissem os índios a lugares fixos formando povoações”. A Cédula Real de 1º de dezembro de 1573 estabelecia que “os sítios em que se tem de formar povos ou reduções, tenham comodidade de águas, terras, matos, entradas e saídas e um logradouro de uma légua de comprido, onde os índios possam ter seus gados, sem que se misturem com os dos espanhóis” (FRANZEN, 1999, p. 214).

Franzen registra notícias de que índios aldeados em São Vicente fugiam para as Reduções, por temer a escravidão a que eram submetidos entre os paulistas. Nas Reduções eram defendidos pelos padres, eram súditos reais a serviço de seu rei e esse foi, realmente, o grande papel político delas nessa região.

Pode-se afirmar então, que a instalação das reduções jesuíticas, de certo modo, favoreceu os espanhóis que já estavam estabelecidos na região. Primeiro, porque os jesuítas objetivavam converter e catequizar os índios, independente desses serem ‘dóceis’ ou não. O objetivo missionário obrigava os jesuítas a pregar e buscar a conversão de todos os índios da região. Tanto aqueles índios que já mantinham um contato amistoso com os colonos, quanto aqueles outros que viviam em comunidades isoladas, e se negavam a conviver com os colonizadores, deveriam, na concepção dos jesuítas, ter a oportunidade de partilhar dos dogmas cristãos.

Tais condições acabaram resultando na intensificação do contato entre missionários jesuítas de um lado, e, de outro, com comunidades indígenas consideradas hostis, pois a conversão do indígena, pelos jesuítas, só podia ser concretizada se existisse uma relação de confiança entre os dois. Essa relação possibilitou um melhor relacionamento entre as comunidades indígenas hostis e os colonizadores, favorecendo o desenvolvimento da *encomienda* região.

Além disso, as reduções aglutinavam um grande número de índios, poupando aos espanhóis o trabalho de saírem pelas matas em busca de nativos.

Para os espanhóis era extremamente importante a fundação de *Vila Rica*. A fundação desta cidade visava não só a ocupação do interior para garantir o domínio do território, mas, a manutenção da ação evangelizadora, a resistência à captura dos índios, o desejo de estender o cristianismo à região do Vale do Prata. Os objetivos ainda iam mais além: ocupar um lugar estratégico no qual poderiam barrar os avanços portugueses, e conseqüentemente, avançar em direção ao mar.

Nessa segunda etapa, ainda em fase de investigação, a proposta é centrar a discussão no papel específico da *Vila Rica* como estratégia de defesa das fronteiras na América espanhola. Para tanto, o objetivo é investigar elementos constitutivos desta vila, sua manutenção e como foi vista pelos jesuítas e viajantes que passaram pela região.

Dentro desse contexto, é preciso levar em conta que a região do Guairá, onde, hoje, localiza-se parte do Estado do Paraná, apresentou algumas peculiaridades no seu processo de colonização. Entre essas peculiaridades duas podem ser destacadas. A primeira é o fato de sua colonização ter sido iniciada pelos espanhóis e não pelos portugueses. A segunda, e não menos importante, diz respeito à maneira como se desenvolveram as relações sociais entre os homens que a habitavam e que formaram os pilares para o modelo de colonização espanhola na região.

Com a intensificação da presença jesuítica na região da Província do Guairá a partir do século XVI, houve certa estimulação por parte dos europeus de duas formas. De um lado, pela existência de “fiéis” que passam a doar terras à Companhia de Jesus tornando possível a presença dos jesuítas na região. Documentos oficializam a doação das terras pertencentes a Ruiz Diaz de Guzman à Companhia de Jesus. Tais terras, localizadas em Vila Rica do Espírito Santo, poderiam ser utilizadas para a manutenção dos membros da Companhia de Jesus, o que possibilitaria melhores condições para o estabelecimento de reduções na região. Por outro viés, existia o incentivo da própria administração local, que acreditava que os jesuítas eram importantes

para a conversão dos índios, e procurava, por conseguinte, criar mecanismos para que os mesmos se estabelecessem na região.

Com essas questões postas é possível estabelecer um norte para a pesquisa, entretanto os argumentos expostos ainda precisam ser verificados, assim como um manuseio mais seguro da documentação, fase em que a pesquisa se encontra nesse momento.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. de. **Capítulos de história colonial: 1500 - 1800**. 7. ed. Anotada e prefaciado por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual, a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antonio Ruiz Montoya**. Roma, E. P. U. G, 2002.

BLASI, O. Aplicação ao método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Villa Rica do Espírito Santo – Fênix - Pr. **Bol UFPR/dep. História**, Curitiba, n.4 p. 1-13, 1966.

BOGONI, Saul; BONNICI, Thomas. As reduções jesuíticas na conquista espiritual (1639) de Antonio Ruiz de Montoya, sob a crítica pós-colonial. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**. 3, 2007, Maringá, 2009, p. 923-930.

BOGONI, Saul. **O Discurso de Resistência e Revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya: Ação e Reação Jesuítica e Indígena na Colonização Ibérica da Região do Guairá**. Maringá, 2008.

CARDOZO, R. I. **El Guairá, historia de la antigua provincia (1554-1676)**. Assunción: El arte. S. A, 1970, p. 80-81.

CHARLEVOIX P. F. **Histoire du Paraguay**, tome I. 1757. URL: <http://books.google.com/books>. Pesquisa em 29/01/2012.

CORTESÃO, J. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Nacional, Div. De Obras Raras e Publicações. (Manuscritos da Coleção de Angelis, 1) 1951.

10.4025/6cih.pphuem.276

COSTA, Flavio Leite; MENEZES Sezinando Luiz. Algumas considerações sobre a ocupação europeia da região do Guairá nos séculos XVI e XVII. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 223-232, 2002.

ELLIOT. J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In. BETHELL (Org). **História da América Latina: América Colonial I**. São Paulo: EDUSP, 1997.

FRANZEN, Beatriz. Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionaria no sul do Brasil e Paraguai (1580-1540). **Um estudo comparativo**. São Leopoldo: Unisimos, (1999).

_____**Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

MOTA, L. T. **História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais**. Formação de professores – EAD, nº 28. Maringá: EDUEM, 2005. PARELLADA, Claudia Inês. Villa Rica delEspiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense – Nova Série, Arqueologia – 8**. 1993.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Conflitos coloniais e as missões: uma avaliação das estruturas sócio-econômicas do Paraguai (séculos XVI e XVII). In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUC/RS, Vol. X, Nº 02, 1984. p. 69-91.

_____**Missões jesuíticas e escravidão indígena**. In: **Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários: As missões Jesuítico-Guaranis: cultura e sociedade**. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1988. p. 142-162.

_____**Missões no Guairá**. In: **Nicolau**. Curitiba, PR: Secretaria do Estado da Cultura, Ano XI; Nº 60; 1997. p. 08-11.

_____**Missões no Guairá: Espaço e Territorialidade nas Missões Jesuíticas do Guairá**. In: **Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas: as Missões Jesuíticas Del Guairá**. EDUNIOESTE, Cascavel, 1998.

_____**O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses**. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Editar, 1972.